



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CAMPUS DE RUSSAS**  
**GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO**

**RAFAELL NOBRE SOTERO**

**É SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA SER MULHER, PRETA E POBRE NO LIXÃO DO  
ALTO SÃO JOÃO EM RUSSAS-CE?**

**RUSSAS**

**2026**

RAFAELL NOBRE SOTERO

É SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA SER MULHER, PRETA E POBRE NO  
LIXÃO DO ALTO SÃO JOÃO EM RUSSAS-CE?

Trabalho de conclusão de curso apresentado em formato de artigo apresentado ao Curso de Engenharia de Produção do Campus de Russas da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Engenharia de Produção.

Orientador(a): Prof. Dr. Lucelindo Dias Ferreira Junior Reis.

# É SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA SER MULHER, PRETA E POBRE NO LIXÃO DO ALTO SÃO JOÃO EM RUSSAS-CE?

## *IS BEING A BLACK, POOR WOMAN AT THE ALTO SÃO JOÃO LANDFILL IN RUSSAS-CE A SYMBOL OF RESISTANCE?*

Rafaell Nobre Sotero<sup>1</sup>

Lucelindo Dias Ferreira Junior Reis<sup>2</sup>

### RESUMO

A coleta de materiais recicláveis no Brasil é marcada por precariedade laboral, evidenciada pelos altos índices de acidentalidade no setor, cujas estatísticas ainda subnotificam a realidade da informalidade nos lixões. Este artigo analisa as violências físicas e simbólicas vivenciadas pelos coletores do lixão do Alto São João, em Russas-CE, sob a perspectiva da interseccionalidade entre gênero, raça e classe. O estudo fundamenta-se na premissa de que o crescimento urbano desigual no município consolidou territórios de alta vulnerabilidade socioambiental, onde o risco ocupacional se funde à violência estrutural. Metodologicamente, a pesquisa configura-se como um estudo de campo qualitativo e descritivo-analítico, derivado de um projeto de Análise Ergonômica do Trabalho (AET). Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 22 catadores, selecionados por amostragem de conveniência e mediação comunitária. Os resultados demonstram que a condição de ser mulher, preta e pobre no lixão implica em uma exposição desproporcional a riscos de morte e estigmatização social, exemplificada por episódios recentes de óbito e agressões no local. Conclui-se que a trajetória dessas trabalhadoras, longe de ser apenas um símbolo de resistência, configura uma permanência, senso de continuidade, em estratos de pobreza extrema, num contraditório à percepção de dignidade no trabalho, revelando a desumanização no semiárido cearense.

**Palavras-chave:** Direitos Humanos. Coletores de material reciclável. Condições de Trabalho. Violência no trabalho. Lixão.

### ABSTRACT

*Recyclable material collection in Brazil is characterized by labor precariousness, evidenced by high occupational accident rates in the sector, whose statistics still underreport the reality of informality in open dumps. This article analyzes the physical and symbolic violence experienced by waste pickers at the Alto São João dump in Russas-CE, through the lens of intersectionality between gender, race, and class. The study is based on the premise that unequal urban growth in the municipality has consolidated territories of high socio-environmental vulnerability, where occupational risk merges with structural violence. Methodologically, the research is a qualitative and descriptive-analytical field study, derived from an Ergonomic Work Analysis (EWA) project. Semi-structured interviews were conducted with 22 waste pickers, selected through convenience sampling and community mediation. The results demonstrate that being a Black, poor woman at the dump implies disproportionate exposure to risks of death and social stigmatization, exemplified by recent episodes of fatalities and assaults on-site. It is concluded that the trajectory of these workers, far from being merely a symbol of resistance, constitutes a permanency—a sense of continuity—within strata of extreme poverty, contradicting the perception of dignity in labor and revealing dehumanization in the Ceará semi-arid region.*

**Keywords:** Human Rights. Waste pickers. Working conditions. Workplace violence. Open dump.

## 1 INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Graduando em Engenharia de Produção, Universidade Federal do Ceará (UFC), *campus* de Russas.

<sup>2</sup> Doutor em Engenharia de Produção, Professor no curso de Engenharia de Produção da Universidade Federal do Ceará (UFC), *campus* de Russas.

A análise das condições de trabalho no Brasil revela um cenário de vulnerabilidade para os coletores de materiais recicláveis. Segundo os indicadores do Anuário Estatístico de Acidentes do Trabalho (AEAT), o setor de Coleta de Resíduos Não Perigosos (CNAE 3811) apresenta índices elevados de acidentes, embora tais números sofram limitações metodológicas severas, uma vez que contemplam apenas trabalhadores associados ao INSS, ignorando os trabalhadores que atuam na informalidade dos lixões. No município de Russas, Ceará, essa precariedade converge com um processo de urbanização desigual. De acordo com Gonçalves *et al.* (2022), o crescimento urbano acelerado da cidade empurrou populações marginalizadas para áreas de risco, onde a carência de saneamento e a segregação socioespacial consolidaram o lixão do Alto São João como um nó crítico de vulnerabilidade socioambiental.

Nesse território, o risco laboral não é um evento isolado, mas parte de uma engrenagem de violência estrutural. Os indicadores de criminalidade no Ceará demonstram que a violência incide de forma desproporcional sobre corpos pretos, mulheres e indivíduos de baixa escolaridade e classe socioeconômica. A gravidade dessa exposição foi tragicamente personificada por um caso noticiado recentemente, isto é, a morte de uma recicladora no lixão do Tabuleiro do Alto São João, vítima de um acidente durante o exercício de sua função. Esse evento não representa apenas uma falha na segurança do trabalho, mas o ápice de um processo de desumanização no qual o sustento é obtido de um ambiente que ameaça a vida. Diante desse cenário, o objetivo desta investigação é apresentar as violências físicas e simbólicas vivenciadas pelos coletores do lixão do Tabuleiro do Alto São João, no município de Russas-CE, com especial atenção à condição das mulheres negras. Mais do que subjetivar a atividade sob o rótulo da “resistência”, o estudo questiona se essa trajetória configura uma luta por dignidade ou uma condenação à permanência em estratos sociais de pobreza extrema e estigmatização.

## **2 MATERIAIS E MÉTODOS**

A presente investigação caracteriza-se como uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa e caráter descritivo-analítico, cujos procedimentos metodológicos decorrem do projeto de pesquisa intitulado “Análise Ergonômica do Trabalho em Catadores de Materiais Recicláveis do Lixão do Alto São João no Município de Russas-CE”. Embora os dados primários tenham sido coletados originalmente sob a égide de um estudo focado em fatores ergonômicos e de saúde ocupacional, este artigo propõe um deslocamento analítico fundamental, voltando-se para as dimensões subjetivas e as tensões políticas que emergem da

interseccionalidade entre gênero, raça e classe. A seleção dos participantes ocorreu por meio de uma amostragem por conveniência, na qual os colaboradores foram convocados por critério de proximidade mediante a mediação da líder comunitária local, respeitando-se estritamente a adesão aos critérios de inclusão e exclusão previamente delimitados no protocolo de pesquisa.

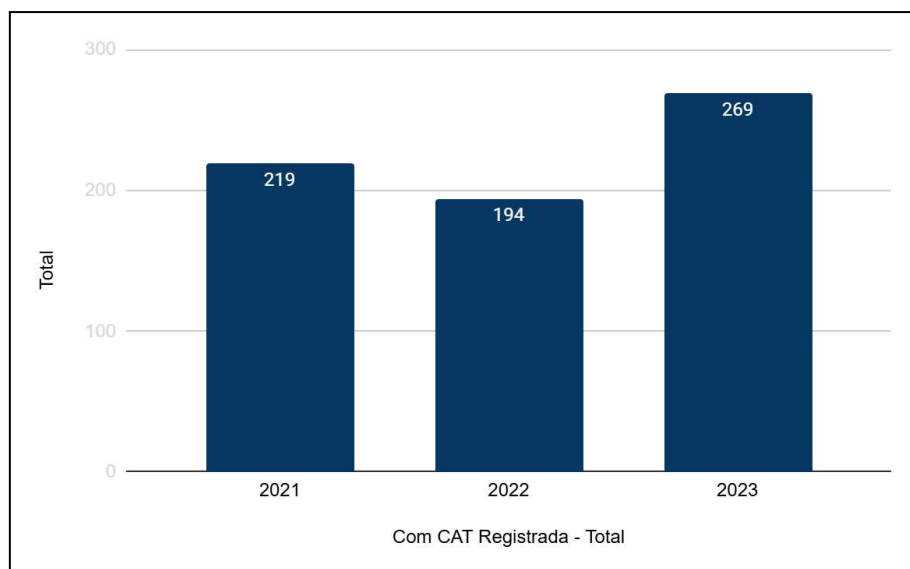
O grupo amostral foi composto por 22 indivíduos, cujas trajetórias e vivências foram apreendidas através da observação direta no ambiente de descarte e da aplicação de entrevistas semiestruturadas. O roteiro de entrevista, composto por 27 questões norteadoras, permitiu explorar desde o perfil sociodemográfico e o histórico laboral até percepções sensíveis sobre saúde, vivências de preconceito e a satisfação com a atividade exercida. As falas foram registradas e transcritas integralmente para posterior submissão à técnica de Análise de Conteúdo, buscando identificar padrões de resistência e as nuances da sobrevivência nesse território de exclusão. No que tange aos preceitos éticos, o estudo observou rigorosamente as diretrizes das Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, garantindo o anonimato dos participantes e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) por todos os envolvidos. O projeto obteve aprovação ética via Plataforma Brasil, sob o número de parecer CAAE 83442424.0.0000.5054, assegurando o rigor e a integridade da pesquisa científica em todas as suas etapas.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

#### **3.1 Indicadores de acidentalidade do trabalho no Ceará (2021-2023) para o setor**

Embora, os dados consolidados pelo Anuário Estatístico de Acidentes do Trabalho (Brasil, 2024) se restrinjam ao universo da formalidade e das cooperativas devidamente institucionalizadas, no qual o registro da Comunicação de Acidente de Trabalho (CAT), um panorama dos indicadores de acidentes quantifica a criticidade do risco ocupacional no setor. Para esta análise, utilizam-se como referência as atividades classificadas sob a CNAE 3811, que abrangem serviços de coleta de resíduos domésticos, urbanos, comerciais e industriais (não perigosos), além de entulhos e gestão de estações de transferência. Tais atividades, quando formalizadas, incluem as cooperativas regularizadas cujos trabalhadores possuem cobertura previdenciária. Foram utilizados os dados do AEAT mais recentes, disponibilizados pelo Ministério da Previdência Social. Conforme ilustrado no Gráfico 1, a quantidade de acidentes de trabalho com CAT registrada no estado do Ceará apresentou um acréscimo significativo em relação aos dois anos anteriores.

Gráfico 1 - Quantidade de acidente do trabalho com CAT registrada (total) no Ceará, 2021 à 2023

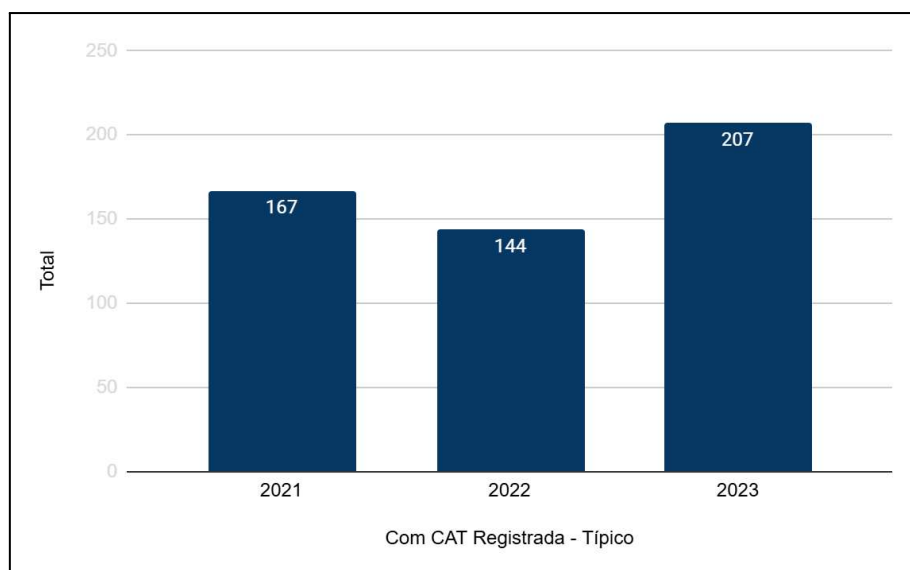


Fonte: Brasil (2024)

Os dados consolidados no Gráfico 1 mostram uma oscilação seguida por um crescimento nas notificações oficiais de acidentes de trabalho no Ceará. Após um decréscimo registrado entre 2021 e 2022, de 219 para 194 casos, o setor atingiu em 2023 o patamar de 269 ocorrências, o que configura um aumento de aproximadamente 38,6% no último período analisado. Tal elevação pode indicar, por um lado, uma possível intensificação das atividades de coleta e triagem no estado ou um fortalecimento dos mecanismos de fiscalização e notificação no mercado formal; enquanto, por outro, expõe a gravidade de um setor que, mesmo sob o amparo da formalidade, apresenta índices de acidentalidade crescentes.

Complementarmente, o Gráfico 2 detalha os acidentes de “motivo típico”, ou seja, aqueles ocorridos durante a execução direta da atividade laboral e no horário de trabalho.

Gráfico 2 - Quantidade de acidente do trabalho com CAT registrada motivo típico 2021 à 2023

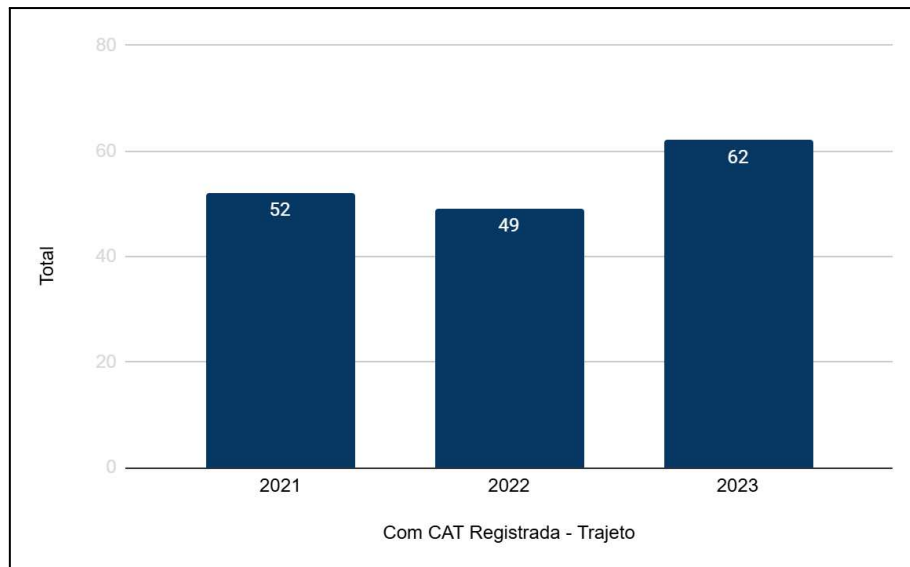


Fonte: Brasil (2024)

Esta categoria constitui o núcleo da periculosidade no setor, representando a vasta maioria dos registros totais. Em 2023, o salto para 207 casos típicos — um aumento de 43,7% em relação ao ano anterior — evidencia a exposição severa a agentes biológicos, materiais perfurocortantes e riscos ergonômicos inerentes ao manejo de resíduos.

Os acidentes de trajeto, representados no Gráfico 3, também exibem uma curva ascendente no período mais recente. Após uma estabilidade relativa entre 2021 (52 casos) e 2022 (49 casos), houve um salto para 62 registros em 2023, o que equivale a um aumento de aproximadamente 26,5%.

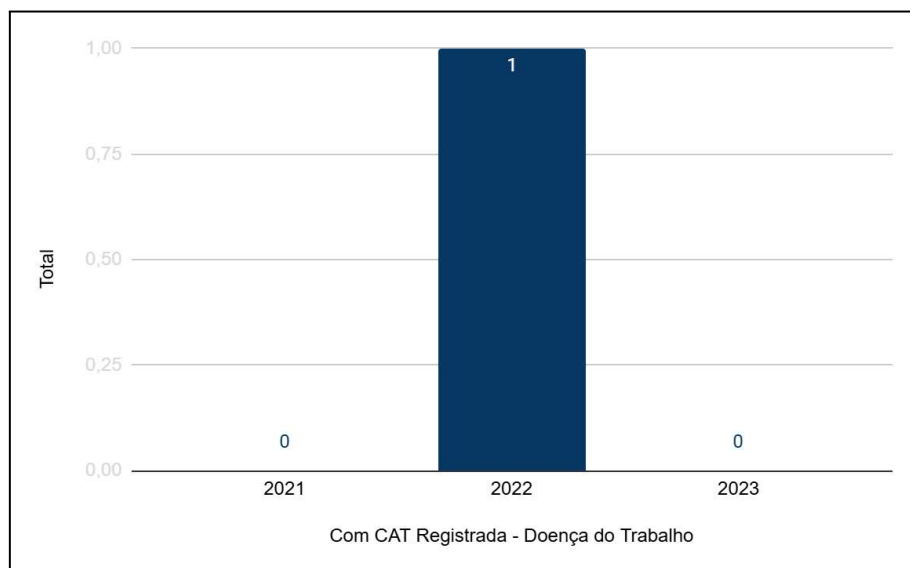
Gráfico 3 - Quantidade de acidente do trabalho com CAT registrada motivo trajeto 2021 à 2023



Fonte: Brasil (2024)

Por fim, no Gráfico 4, que mostra a quantidade de acidentes de trabalho por motivo de doença, apresenta uma notificação quase nula, com apenas 1 registro em 2022 e zero nos demais anos.

Gráfico 4 - Quantidade de acidentes do trabalho com CAT registrada motivo doença do trabalho 2021 à 2023



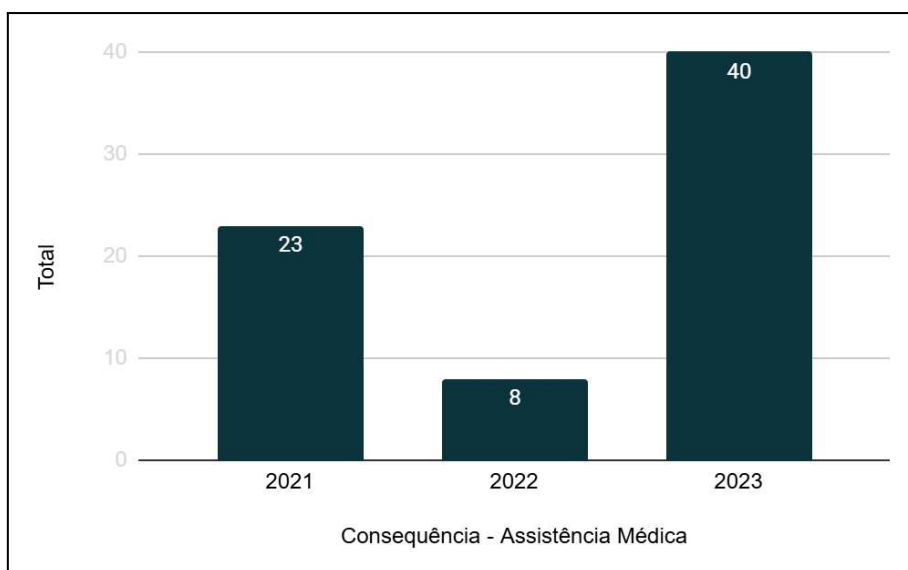
Fonte: Brasil (2024)

Diante da nulidade estatística observada no que tange às doenças ocupacionais, podem-se levantar hipóteses interpretativas. Primeiramente, é possível que exista uma

fragilidade institucional no estabelecimento donexo causal, dificultando o vínculo de patologias crônicas, como distúrbios osteomusculares ou doenças respiratórias, à atividade laboral, o que resultaria em diagnósticos que não ascendem ao sistema de notificação oficial. Concomitantemente, sugere-se a hipótese de uma naturalização do desgaste físico, processo no qual o esforço repetitivo e a dor crônica passariam a ser percebidos, tanto por gestores quanto pelos próprios trabalhadores, como elementos inerentes e inevitáveis ao ofício; tal percepção desestimularia a abertura de Comunicações de Acidente de Trabalho (CAT) para casos que não apresentem caráter agudo. Por fim, a discrepância entre o aumento progressivo de acidentes típicos e a ausência de registros de enfermidades pode indicar que o atual sistema de monitoramento possui maior eficácia em captar o evento súbito, falhando em registrar o processo lento de deterioração física, o que configuraria uma subnotificação estrutural de patologias silenciosas.

Outras informações importantes sobre os riscos ocupacionais no setor, podem ser lidos nos indicadores de acidentes do trabalho liquidados, que representam os casos em que o processo administrativo junto ao INSS foi encerrado, ou seja, a consequência do acidente já foi devidamente apurada e decidida pela previdência social. No que concerne à categoria de acidentes liquidados cuja consequência restringiu-se à assistência médica, o Gráfico 5 ilustra uma variação atípica no período. Após um registro de 23 casos em 2021 e um declínio acentuado para 8 ocorrências em 2022, observa-se um salto para 40 registros em 2023. Esse incremento no último ano da série sugere a hipótese de uma maior eficácia na captura de incidentes de menor gravidade biológica imediata pelo sistema formal, ou ainda, uma intensificação de eventos que demandam intervenção ambulatorial sem a necessidade de afastamentos prolongados.

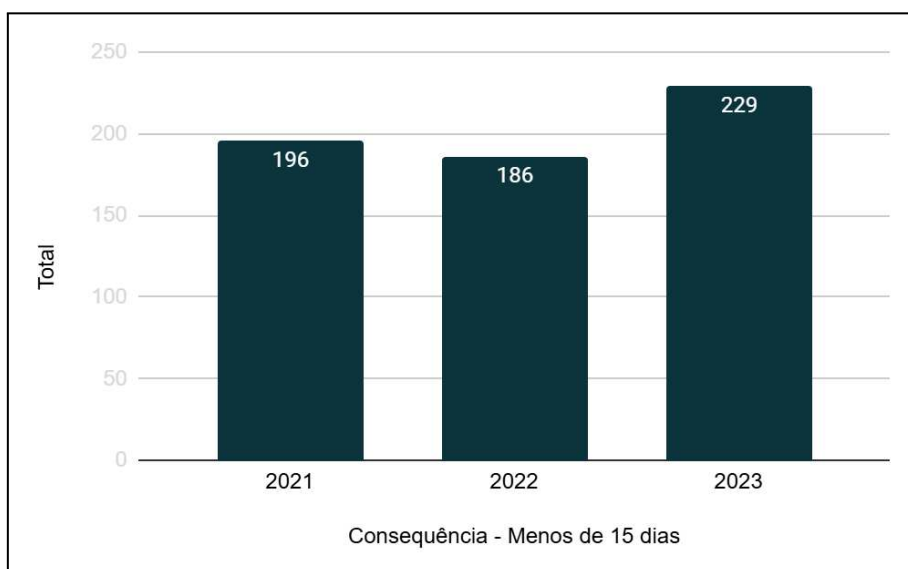
Gráfico 5 - Quantidade de acidentes do trabalho liquidados, com consequência assistência médica, 2021-2023



Fonte: Brasil (2024)

O Gráfico 6 apresenta a evolução dos acidentes liquidados que resultaram em afastamentos inferiores a 15 dias no estado do Ceará entre 2021 e 2023. Observa-se que, após uma redução marginal de 196 casos em 2021 para 186 em 2022, houve um incremento expressivo no último ano da série, alcançando a marca de 229 registros.

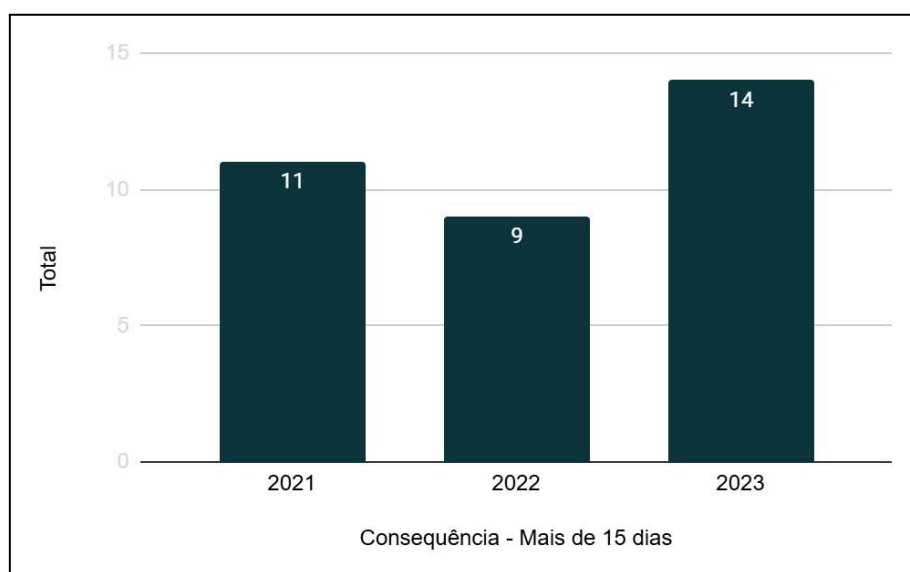
Gráfico 6 - Quantidade de acidente do trabalho liquidados, com consequência afastamento de menos de 15 dias, 2021-2023



Fonte: Brasil (2024)

Dando continuidade à análise dos desfechos administrativos, o Gráfico 7 apresenta a evolução dos acidentes liquidados que resultaram em afastamentos superiores a 15 dias no estado do Ceará, mostrando uma oscilação com tendência de crescimento no último período analisado. Os registros indicam a ocorrência de 11 casos em 2021, seguidos por uma redução para 9 registros em 2022, e um salto para 14 ocorrências em 2023.

Gráfico 7 - Quantidade de acidente do trabalho liquidados, com consequência afastamento de mais de 15 dias, 2021-2023



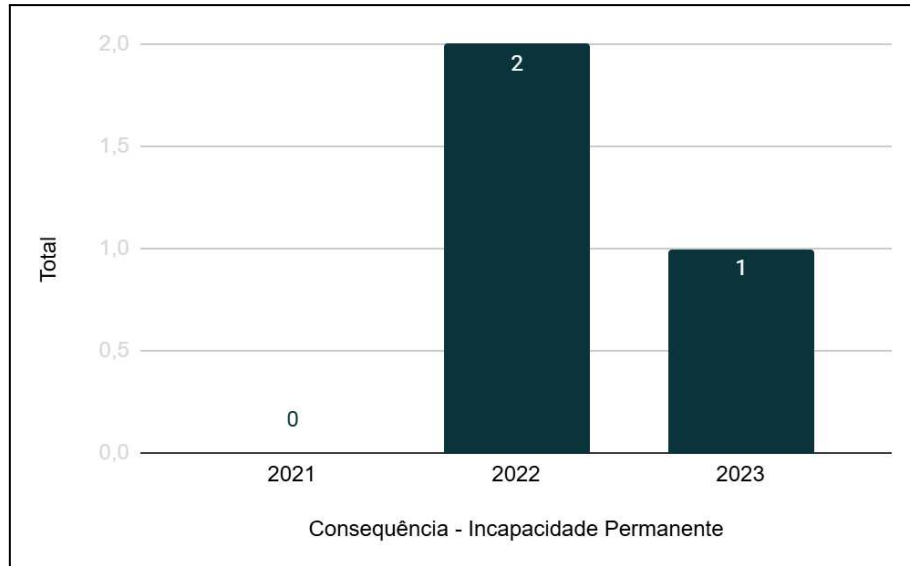
Fonte: Brasil (2024)

Diante desse incremento de aproximadamente 55,5% entre os dois últimos anos, é possível cogitar a hipótese de um agravamento na severidade dos episódios de acidentalidade no setor formal, os quais passaram a exigir tempos de recuperação biológica mais extensos. Pode-se sugerir que esse aumento nos afastamentos prolongados indique uma maior sensibilidade do sistema previdenciário em reconhecer a incapacidade temporária gerada por riscos específicos da coleta de resíduos, como lesões osteomusculares de maior gravidade ou complicações decorrentes de acidentes típicos. Também, há a hipótese de que a intensificação do ritmo de trabalho nas atividades formalizadas esteja gerando danos físicos que extrapolam a capacidade de regeneração rápida do trabalhador, consolidando um quadro de vulnerabilidade que demanda amparo assistencial mais duradouro por parte do Estado.

O Gráfico 8 apresenta os registros de acidentes liquidados que resultaram em incapacidade permanente no Ceará. Os dados revelam ocorrências residuais no setor formal,

caracterizadas pela ausência de registros em 2021, seguida pelo pico de 2 casos em 2022 e pela redução para 1 registro em 2023.

Gráfico 8 - Quantidade de acidente do trabalho liquidados, com consequência incapacidade permanente, 2021-2023

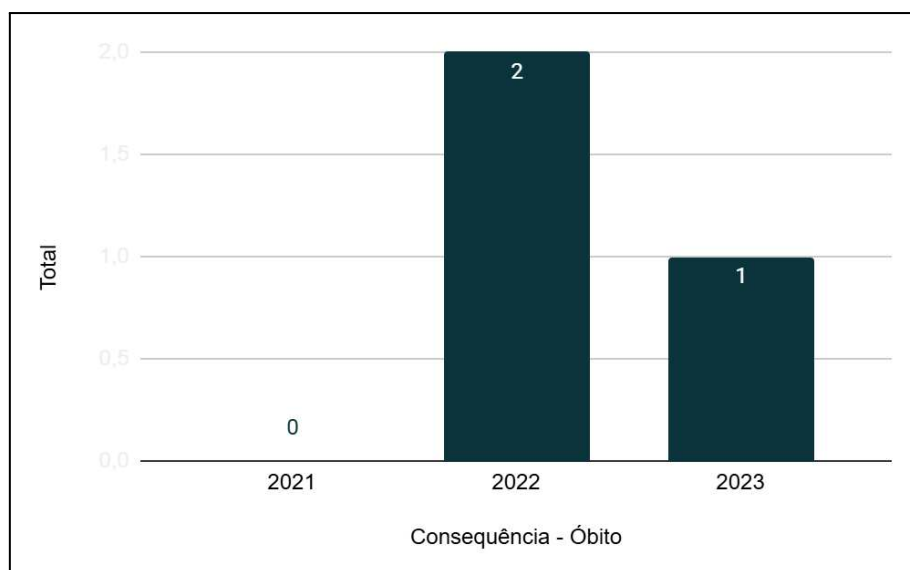


Fonte: Brasil (2024)

A baixa prevalência de incapacidade permanente nos registros oficiais pode ser atribuída à lentidão dos processos periciais e aos entraves administrativos, que retardam a inclusão de novos casos nas estatísticas anuais. Paralelamente, o perfil de riscos do manejo de resíduos tende a gerar incapacidades temporárias ou sequelas crônicas que, embora limitantes, não atingem o rigor técnico exigido pela previdência social para a concessão do benefício.

Por fim, com base nos dados apresentados no Gráfico 9, que registra uma baixa incidência de óbitos liquidados entre 2021 e 2023, zero, dois e um caso, respectivamente.

Gráfico 9 - Quantidade de acidente do trabalho liquidados, com consequência óbito, 2021-2023



Fonte: Brasil (2024)

O perfil de riscos no manejo de resíduos tende a gerar uma predominância de incapacidades temporárias agudas ou, ainda, a subnotificação de sequelas crônicas que, embora limitantes, não alcançam o rigor técnico exigido pela previdência social para a caracterização de invalidez. Esse cenário é acentuado pela vulnerabilidade socioeconômica, que frequentemente compele o trabalhador ao retorno precoce às atividades antes da estabilização das lesões, dificultando o reconhecimento formal do nexo causal e da incapacidade permanente pelo sistema de seguridade social.

### 3.2 Indicadores raciais, considerando a interseccionalidade, no Ceará

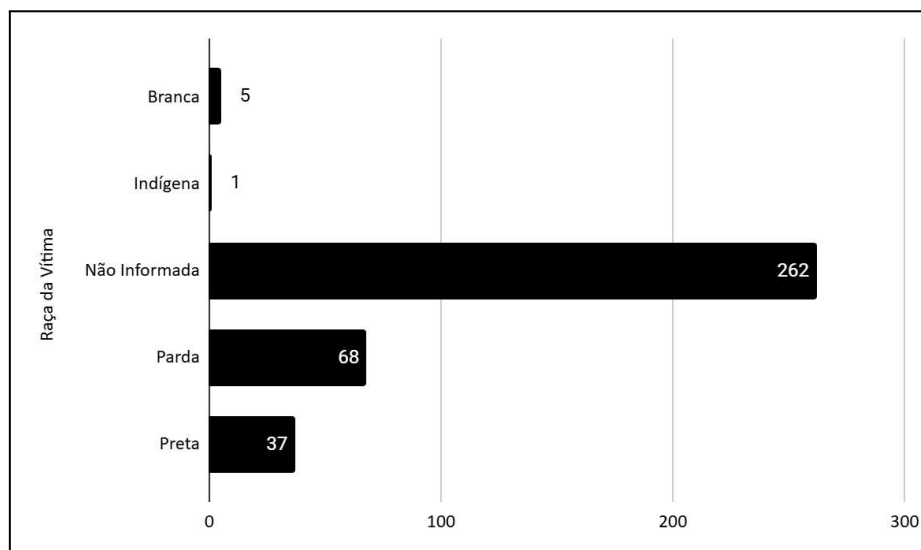
Os dados relacionados aos acidentes do trabalho já informam muito sobre as condições de trabalho dos catadores, embora saiba-se por vias empíricas que o catador no lixão está sujeito a riscos ocupacionais de igual grandeza ou, inclusive, maiores, dada a invisibilização da atividade. Sabe-se, a partir de dados do Relatório do IPEA, que trata sobre a “Situação Social das Catadoras e dos Catadores de Material Reciclável e Reutilizável” (IPEA, 2013), que 78,5% (dados não atualizados) dos catadores são pretos ou pardos, especificamente na região nordeste. Esse dado tem importância e traz agravos, um símbolo do racismo estrutural, dos quais 66,2%, na época, estavam na informalidade, sem relação contratual formalizada, ainda no Nordeste.

Em termos remuneratórios, observa-se, a partir do relatório (IPEA, 2013), que homens que atuam na catação tiveram um rendimento médio de R\$ 611,10, ao passo que as mulheres da categoria, aproximadamente, R\$ 460,54, uma diferença de 32% que evidencia a

desvantagem feminina no setor. Ainda, conforme esses dados, já desatualizados, mas importantes para termos uma ciência do setor, a atividade de reciclagem no Brasil, conforme esses dados, é exercida majoritariamente por homens, que compõem 68,9% do contingente total, enquanto as mulheres representam 31,1%. Essa disparidade é influenciada pelo acúmulo de responsabilidades domésticas e familiares, o que leva muitas mulheres a considerarem a catação como uma ocupação meramente suplementar. Conseqüentemente, há uma baixa identificação profissional entre as trabalhadoras, que frequentemente não se reconhecem como catadoras por priorizarem outras atividades em sua rotina.

Devido às características intrínsecas socioeconômicas dos catadores, pertencem a um grupo marginalizado e vulnerável a violência explícita e estigma social, conforme se observa nos dados recentes de segurança pública. Conforme o Gráfico 10 mostra, no ano de 2024, segundo a Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social (Ceará, 2026), ocorreram 37 registros de crimes ou preconceitos contra vítimas identificadas como pretas e 68 contra pardas, totalizando 105 ocorrências direcionadas à população negra no Ceará. Em contrapartida, as vítimas brancas totalizaram apenas 5 registros, o que evidencia uma disparidade alarmante na qual a população negra é a principal face da vitimização por crimes de raça e cor no território cearense.

Gráfico 10 - Crime ou preconceito de raça ou de cor no Ceará estratificado por raça da vítima, no ano de 2024

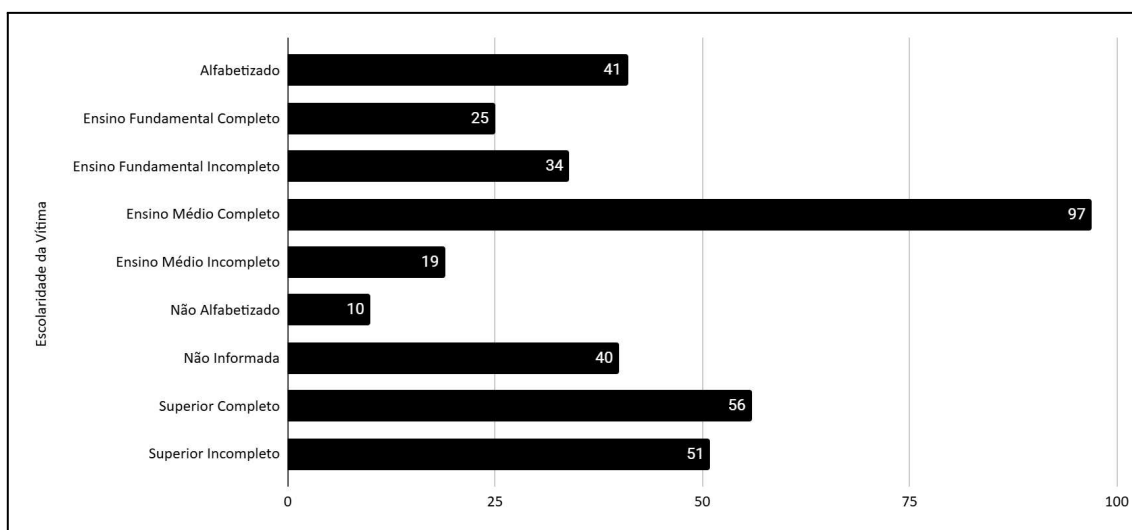


Fonte: Ceará (2026)

Um aspecto crítico revelado por este indicador é o elevado volume de 262 casos com a raça da vítima “Não Informada”. Essa falha no registro oficial contribui para o isolamento desses atores em espaços de concentração de pobreza e dificulta o reconhecimento de suas particularidades pelo poder público.

Dando continuidade à análise das dimensões da vulnerabilidade, a escolaridade das vítimas de crimes de raça e cor, estratificada no Gráfico 11, revela novos entraves ao pleno exercício da cidadania no Ceará. Em 2024, os dados da Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social (Ceará, 2026) indicam que há uma incidência preocupante em grupos com baixa ou nenhuma instrução, somando-se 10 vítimas não alfabetizadas, 41 alfabetizadas, 59 com fundamental completo ou incompleto. Além disso, a existência de 40 registros com escolaridade “Não Informada” reforça a tese da invisibilidade institucional enfrentada por grupos marginalizados. Ao confrontar esses números com a realidade da categoria, observa-se que a exclusão educacional é um dos principais vetores de silenciamento, visto que, na região Nordeste, a taxa de analfabetismo entre os catadores atinge 34%, valor que é mais que o dobro da média nacional da categoria (20,5%).

Gráfico 11 - Crime ou preconceito de raça ou de cor no Ceará estratificado por escolaridade da vítima, no ano de 2024

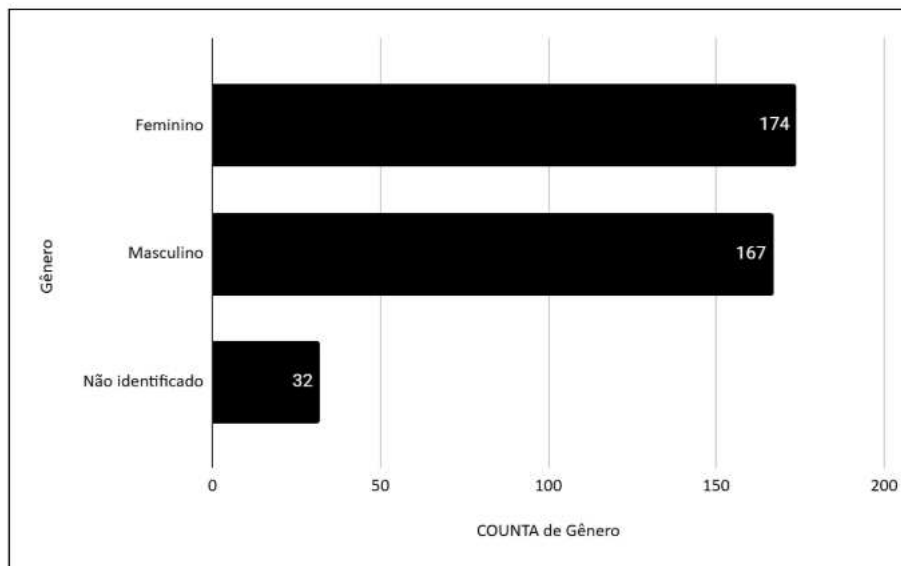


Fonte: Ceará (2026)

O Gráfico 12, referente ao gênero das vítimas de crimes ou preconceitos de raça ou de cor no Ceará, em 2024, mostra que, embora o setor de reciclagem seja numericamente predominante por homens, que compõem 68,9% do contingente nacional, os dados da

Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social (Ceará, 2026) demonstram que as mulheres são as principais vítimas de violência racial no estado, com 174 registros, superando os 167 casos ocorridos com homens. Esse dado é alarmante ao ser cruzado com o fato de que as mulheres catadoras já enfrentam uma desvantagem econômica, percebendo rendimentos 32% menores que os masculinos, além de acumularem responsabilidades domésticas que frequentemente turvam sua identidade profissional.

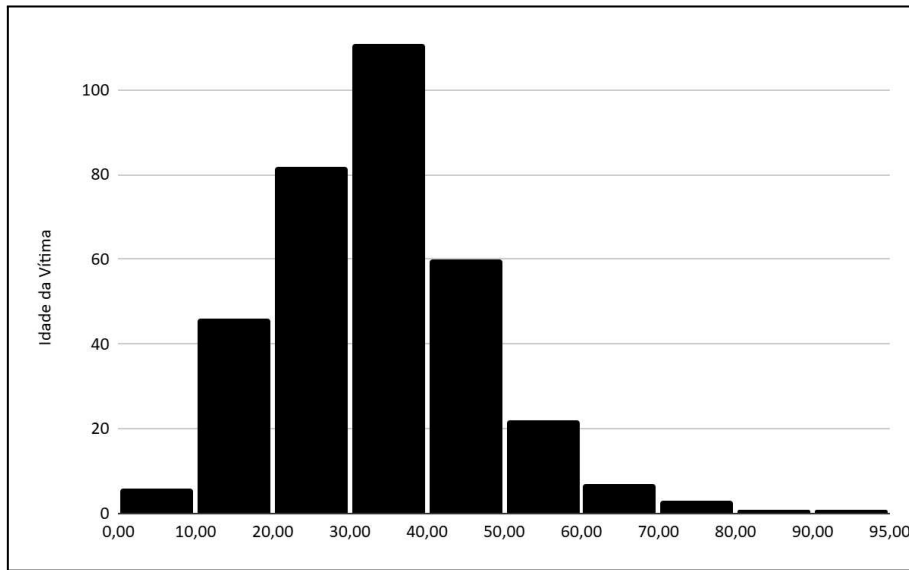
Gráfico 12 - Crime ou preconceito de raça ou de cor no Ceará estratificado por gênero da vítima, no ano de 2024



Fonte: Ceará (2026)

O Gráfico 13 estratifica os crimes de raça e cor no Ceará por idade da vítima, no ano de 2024, revelando que o pico de ocorrências se concentra na faixa entre 30 e 40 anos, com mais de 110 registros. Esse dado possui uma convergência com o perfil demográfico dos catadores de materiais recicláveis, cuja média de idade nacional é de 39,4 anos, sendo que quase metade da categoria situa-se justamente entre os 30 e 49 anos. Essa sobreposição indica que a vitimização racial atinge o trabalhador em sua fase de maior produtividade laboral, intensificando a carga de insegurança em um cotidiano já marcado pela exaustão física e pela falta de proteção social.

Gráfico 13 - Crime ou preconceito de raça ou de cor no Ceará estratificado por idade da vítima, no ano de 2024



Fonte: Ceará (2026)

Em síntese, a convergência dos indicadores apresentados delinea um cenário de vulnerabilidade multidimensional, no qual a raça, o gênero e a baixa escolaridade funcionam como engrenagens de um sistema de exclusão estrutural. Enquanto a informalidade atinge 66,2% dos trabalhadores no Nordeste, a desigualdade salarial de 32% e o acúmulo de responsabilidades domésticas sobrecarregam a mulher catadora, tornando-a o elo mais fragilizado dessa cadeia produtiva. O pico de vitimização racial na faixa dos 30 a 40 anos, idade de maior vigor produtivo da categoria, somado ao analfabetismo que castiga 34% dos profissionais na região, evidencia que a invisibilidade institucional é uma barreira ativa ao exercício da cidadania.

Diante desse panorama macroestrutural, o lixão do Planalto do Alto São João, em Russas, a tríade de ser mulher, preta e pobre é um exemplo vivo da marginalização absoluta e do silenciamento imposto pelo descaso estatal. Na seção 3.3, é apresentado o caso do estudo.

### 3.3 Perfil sociodemográfico dos catadores entrevistados no lixão de Russas

A pesquisa foi desenvolvida no lixão localizado no Tabuleiro do Alto São João, no município de Russas-CE. O perfil sociodemográfico dos 22 coletores entrevistados, que atuam no lixão do Tabuleiro do Alto São João, demonstra a materialização local das vulnerabilidades estruturais discutidas previamente, conforme pode ser visto na Tabela 1.

Tabela 1 - Perfil sociodemográfico dos coletores

ID	Idade	Escolaridade	Situação Conjugal	Tempo no Lixão	Composição Familiar
Coletor 1	50	Ensino Médio Completo	Solteira	Mais de 20 anos	3 filhos
Coletor 2	51	Ensino Fundamental Inc.	Casada	6 meses	1 filho
Coletor 3	N/D	Nunca frequentou a escola	Viúva	Mais de 20 anos	3 filhos
Coletor 4	57	Ensino Fundamental Inc.	Casada	Não se lembra	7 filhos
Coletor 5	47	Ensino Fundamental Inc.	Casado	15 anos	0 filho
Coletor 6	27	6ª série	União Estável	14 anos	3 filhos
Coletor 7	45	Ensino Fundamental Comp.	Viúvo	27 anos	1 filho
Coletor 8	59	Nunca frequentou a escola	Solteiro	Mais de 20 anos	4 filhos
Coletor 9	53	Ensino Médio Completo	Solteira	20 anos	0 filho
Coletor 10	36	Ensino Fundamental Inc.	Solteira	4 meses	1 filho
Coletor 11	37	Ensino Médio Completo	Casada	7 anos	0 filho
Coletor 12	56	Ensino Fundamental Inc.	Casado	13 anos	2 filhos
Coletor 13	35	Ensino Fundamental Inc.	Solteiro	16 anos	1 filho
Coletor 14	31	Ensino Médio Completo	Solteira	Mais de 10 anos	2 filhos
Coletor 15	38	Ensino Fundamental Inc.	Solteira	Desde 2010	3 filhos
Coletor 16	58	Nunca frequentou a escola	Viúvo	Mais de 25 anos	3 filhos
Coletor 17	22	Ensino Médio Completo	Solteira	10 anos	0 filho
Coletor 18	32	Até o 4º ano	Solteira	5 anos	6 filhos
Coletor 19	43	Ensino Fundamental Inc.	Solteiro	3 anos	0 filho
Coletor 20	31	Ensino Médio Completo	Solteira	12 anos	4 filhos
Coletor 21	45	Ensino Médio Incompleto	Solteiro	7 anos	5 filhos
Coletor 22	52	Ensino Fundamental Inc.	Casada	14 anos	8 filhos

Fonte: dados da pesquisa (2026)

A distribuição etária dos entrevistados, que compreende a faixa entre 22 e 59 anos, exhibe uma conformidade com a média nacional de 39,4 anos estabelecida pelo Ipea (2013). Contudo, a característica mais crítica aponta para o tempo de exposição direta aos riscos do lixão, isto é, seis dos trabalhadores Coletores 1, 3, 8, 9, 16 e 22, exercem a atividade há pelo menos 15 anos, com registros que ultrapassam as duas décadas. Essa permanência prolongada ratifica a hipótese da naturalização do desgaste físico e da subnotificação de doenças crônicas, uma vez que a vida laboral desses indivíduos é quase inteiramente transcorrida sob condições de insalubridade, sem o apoio do sistema de seguridade social, cuja cobertura no Nordeste é de apenas 6,2%.

No que tange à escolaridade, a realidade em Russas explicita o abismo educacional que caracteriza o setor na região Nordeste. Enquanto o relatório nacional indica que 34% dos catadores nordestinos são analfabetos, a amostra local evidencia que três entrevistados, i.e., Catadores 3, 8 e 16, nunca frequentaram a escola, e cerca de metade do grupo não concluiu o Ensino Fundamental. Um dado particular desta amostra é a presença de 27% de indivíduos com ensino médio completo, índice superior aos 11,4% da média nacional da categoria, o que sugere que a ausência de postos formais de trabalho na região empurra trabalhadores com maior instrução para a informalidade extrema do manejo de resíduos.

A composição familiar e a situação conjugal dos entrevistados sublinham a feminilização da pobreza e o peso da responsabilidade doméstica. A prevalência de mulheres solteiras ou viúvas, como as Coletoras 1, 3, 10, 14, 15, 17, 18 e 20, que sustentam sozinhas proles de até seis filhos, corrobora a estatística de que domicílios de catadores possuem uma razão de dependência de crianças (50,0%) muito superior à média nacional. Para essas mulheres, a catação não é apenas um trabalho, mas uma estratégia de sobrevivência que as coloca no centro da tríade de exclusão: ser mulher, preta e pobre.

### 3.4 Violências no lixão de Russas

A análise dos depoimentos coletados no lixão do Tabuleiro do Alto São João explicita que a violência enfrentada pelos catadores transcende o risco ocupacional, manifestando-se como uma sobreposição de agressões físicas, patrimoniais e simbólicas. Conforme os relatos condensados na Tabela 2, a vulnerabilidade institucional é sentida na interação direta com os serviços formais de coleta.

Tabela 2 - Relatos de violência e preconceito no lixão do Alto São João

Entrevistado	Trecho do relato	Categoria
Coletor 1	<i>“Teve um rapaz que chegou aqui, por um lito de cachaça... minhas coisas amanheceu, tocaram fogo, pra ver como a gente é desvalorizado, por um lito de cachaça que vale mais que nosso trabalho. (...) As vezes a pessoa diz: não, eu vou ser testemunha, mas na hora do pega pra capar a pessoa fica sozin.”</i>	Violência patrimonial e interpessoal
Coletor 4	<i>“No lixão, um gari foi rebolo uma garrafa bem na minha cabeça. (...) Eles jogam lixo na gente. A gente está aqui catando alguma coisinha no carro... eles rebola as quadria de lixo em cima da gente. Ali vem vidro, vem tudo. Se ocê não sai do meio, é na cabeça ali.”</i>	Violência institucional e física
	<i>“Chamando a gente de lixão, que a gente mora aqui no lixão, pensa que a gente é imundo. (...) Ave maria se eles morasse ali</i>	Preconceito e estigma social

*no tabuleiro, ai diz 'ave maria morar ali no meio do lixão, que pessoal imundo'.*”

Coletor 5	<i>“Eu tava esse ano no lixão, quando fui abaixando minha cabeça, o carro tava despejando ai veio uma bicha de sofá veio e bateu na minha cabeça TUFOO... quando botei a mão aqui chega descia sangue cachoeira, levei cinco ponto na cabeça.”</i>	Acidente de trabalho / descaso
	<i>“A mulher que eu cheguei na casa deu merenda ao Padre e a minha pessoa num deu... ela achava que o Padre era mais merecedor que nós... pedia pra nós sair de lá ligeiro, achando que a pessoa tava tudo sujo.”</i>	Preconceito e estigma social
Coletor 7	<i>“Na rua, eu passava assim: 'Ah, o lixeiro! Ei, mas tu era mecânico, que hoje tu é um... lixeiro'. As piadinhas, os preconceitos, sempre vem.”</i>	Preconceito e estigma social
Coletor 8	<i>“Lá teve [conflitos], e munto. Com os outros, um pegava nas coisas dos outros... ai saber quem é e começa aquela confusão, até a polícia vem.”</i>	Conflitos interpessoais
Coletor 14	<i>“Lá no espaço lá no copão, houve a confusão lá, queria matar nós... Ele disse que ia pegar nós a força e coisar nós tudin. Foi por causa da muier dele... foi uma putaria medonha.”</i>	Ameaça de morte e violência verbal
Coletor 19	<i>“Você pega seu material, vai botar no rancho, tem alguns que vêm e roubam... É duro. Porque você passar o dia trabalhando para quando acabar chegar levar seu material, não deu em nada.”</i>	Violência patrimonial
Coletor 20	<i>“Meus filhos iam para a escola, aí chegava: 'Ah, mãe, menino está me chateando, porque a senhora trabalha no lixão, traz bolsa do lixão'. Ali eu estou sentindo que eu estou sendo julgada. Atinge meus filhos.”</i>	Preconceito e estigma social

---

Fonte: dados da pesquisa (2026)

Conforme mostra a Tabela 2, o Coletor 4 descreve situações em que trabalhadores da limpeza urbana arremessam garrafas e fardos de lixo sobre os catadores durante o descarte, demonstrando um descaso absoluto com a integridade física de quem sobrevive do resíduo. Essa negligência é acompanhada por acidentes graves, como o narrado pelo Coletor 5, que sofreu ferimentos profundos na cabeça devido ao impacto de materiais despejados sem cautela, episódio que evidencia a percepção de que esses corpos são invisíveis ou irrelevantes para os sistemas oficiais de gestão.

No âmbito interpessoal, a precariedade dos recursos gera um cenário de conflitos e insegurança patrimonial. Os depoimentos dos Coletores 1 e 19 indicam que o material coletado, única fonte de renda dessas famílias, é frequentemente alvo de furtos e atos de vandalismo, como incêndios criminosos motivados por razões triviais. A ausência de suporte e a sensação de isolamento são acentuadas pela falta de testemunhas em momentos de crise e

pela ocorrência de ameaças de morte, como a relatada pelo Coletor 14, o que ratifica o estado de desproteção a que esses indivíduos estão submetidos.

O estigma social e o preconceito atuam como ferramentas de desumanização que afetam a identidade do trabalhador e sua relação com a comunidade. Os relatos dos Coletores 4, 5 e 7 exibem como o termo “lixão” é utilizado de forma pejorativa para marcar o trabalhador como “imundo”, resultando em tratamentos discriminatórios mesmo em gestos cotidianos de hospitalidade. Esse julgamento moral extrapola o indivíduo e atinge o núcleo familiar, conforme demonstra o depoimento da Coletora 20, cujos filhos são hostilizados no ambiente escolar em função da atividade materna. Esse cerco de violências exprime a gravidade da exclusão em Russas, onde a sobrevivência dessas mulheres e homens negros não é apenas uma busca por sustento, mas um enfrentamento constante à violência sistêmica que busca silenciar sua existência.

A materialização da vulnerabilidade e violências vivenciadas como condições de trabalho dos catadores do lixão do Tabuleiro do Alto São João, culminou no falecimento de Maria de Fátima, catadora que perdeu a vida em 6 de janeiro de 2026.

### **3.5 Maria de Fátima, um caso particular?**

A materialização da vulnerabilidade e das violências vivenciadas no lixão do Tabuleiro do Alto São João atingiu seu ápice com o falecimento de Maria de Fátima, de 60 anos. A catadora, descrita por seus pares e pela administração municipal como uma “mulher guerreira”, foi vítima de um acidente fatal ao ser atingida por um carro compressor em marcha à ré durante sua rotina laboral. O fato de a trabalhadora estar acompanhada por uma criança no momento do impacto sublinha a persistência do ciclo de pobreza intergeracional e a precariedade das redes de apoio familiar para as mulheres que sobrevivem do resíduo.

Ao questionar se este é um caso particular, a resposta reside na análise da dinâmica cotidiana do descarte em Russas. Relatos de testemunhas indicam que a chegada dos veículos de coleta gera momentos de intensa disputa pelos materiais de maior valor comercial. Essa “corrida pelo lixo” é um reflexo direto da baixa remuneração média das mulheres no setor e da necessidade premente de garantir o sustento diário em um contexto de ausência de proteção previdenciária. A pressão econômica compele o trabalhador a um ritmo de atividade que ignora limites biológicos e de segurança, configurando uma exposição severa a riscos de morte.

A tragédia de Maria de Fátima dialoga diretamente com a subnotificação e a invisibilidade discutidas nos indicadores de accidentalidade do AEAT (Brasil, 2024). Enquanto

o setor formal em todo o Ceará registrou apenas um óbito liquidado em 2023, a morte de uma catadora informal em um lixão do interior evidencia que a letalidade do setor é mascarada pela desobrigatoriedade de registros como a Comunicação de Acidente de Trabalho (CAT) em ambientes não institucionalizados. Além disso, a negligência institucional narrada pelos entrevistados, na qual gari e motoristas arremessam materiais sobre os catadores sem cautela, transforma o lixão em um território de precariedade e violências.

Portanto, Maria de Fátima não é um caso particular; ela é a personificação estatística da tríade de exclusão: mulher, preta e pobre. Seu óbito expõe a falha do Estado em garantir direitos humanos básicos e segurança ocupacional, revelando que, no semiárido cearense, a trajetória de resistência dessas trabalhadoras frequentemente esbarra no limite da própria vida. A comoção gerada na cidade de Russas é, no fundo, o reconhecimento tardio de uma violência sistêmica que silencia corpos negros e marginalizados até que o evento súbito e fatal os torne, momentaneamente, visíveis.

#### **4 CONCLUSÕES**

O presente estudo mostra que a realidade dos catadores de materiais recicláveis no lixão do Tabuleiro do Alto São João, em Russas, é definida por uma lacuna entre os indicadores de proteção legal e a prática cotidiana da sobrevivência. A investigação evidencia que a aparente “baixa frequência” de óbitos e invalidez nos registros oficiais do AEAT (Brasil, 2024) não reflete uma ausência de perigo, mas sim uma subnotificação estrutural alimentada pela informalidade e pelas barreiras burocráticas que invisibilizam os trabalhadores dos lixões.

A análise sob a lente da interseccionalidade confirma que a vulnerabilidade neste território não é distribuída de forma aleatória, incidindo de modo desproporcional sobre o corpo da mulher preta e pobre. Os dados do Ipea (2013) já indicavam que este perfil demográfico enfrenta as maiores disparidades salariais, com rendimentos 32% inferiores aos masculinos, e, dados da SSPDS (Ceará, 2026), indicam que as mulheres constituem o alvo preferencial de crimes de raça e cor no Ceará, embora o caso da Maria de Fátima não seja enquadrado como um crime de raça, sistemicamente e estruturalmente o é! Em Russas, esta estatística ganha contornos humanos através de trajetórias de mais de duas décadas de exposição à insalubridade máxima, onde a baixa escolaridade e a ausência de cobertura previdenciária aprisionam o indivíduo num ciclo de exclusão que permeia gerações.

Os relatos de violência física, institucional e simbólica expõem a desumanização a que estes trabalhadores são submetidos, culminando na tragédia de Maria de Fátima. O óbito

da catadora em pleno exercício do seu ofício sinaliza que o lixão não é apenas um espaço de trabalho precário, mas um território onde a urgência pela subsistência diária compele o trabalhador a ignorar riscos vitais. Assim, a trajetória destas mulheres em Russas, longe de ser apenas um “símbolo de resistência”, configura uma permanência forçada em estratos de pobreza extrema. Romantizar a sua força vital sem confrontar o descaso estatal que as mantém na margem da cidadania é uma forma de perpetuar suas situações de vida e trabalho. Torna-se fundamental que as políticas públicas locais avancem para a gestão integrada de resíduos com inclusão socioproductiva real, garantindo que o fim dos lixões não signifique o descarte de vidas.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Previdência Social. **Anuário Estatístico de Acidentes do Trabalho: AEAT 2023**: Seção I: Estatísticas de Acidentes do Trabalho. Brasília, DF: MPS, 2024.

CEARÁ. Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social (SSPDS). **Estatísticas**. Fortaleza, 2024. Disponível em: <https://www.sspds.ce.gov.br/estatisticas/>. Acesso em: 13 jan. 2026.

GONÇALVES, E. de O.; GRIGIO, A. M.; SOUZA NETO, L. T. de; DIODATO, M. A. Mapeamento da vulnerabilidade socioambiental no espaço urbano de Russas, Ceará, Brasil: Uma integração de dados sociodemográficos e ambientais. **Revista Brasileira de Geografia Física**, Recife, v. 15, n. 04, p. 1800-1814, 2022.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). **Situação social das catadoras e dos catadores de material reciclável e reutilizável**. Brasil. Brasília: Ipea, 2013.